

Veze e voz às crianças!



Crianças da Escola Vila Camaleão – Uberlândia - MG

EDITORIAL

NÃO SOLTEM AS MÃOS, SE OS PÉS NÃO ESTIVEREM FIRMES!

Por Adriana Pastorello Buim Arena

Em 1964, Célestin Freinet retomou um tema que já havia publicado em 1934 e reescreveu um dossiê intitulado “Abaixo os manuais escolares!” para *L’Éducateur* (revista pedagógica mensal do instituto cooperativo da escola moderna e da FIMEM [Federação Internacional dos Movimentos da Escola Moderna]).

No momento em que escreveu, 1964, Freinet e seus companheiros e companheiras de movimento constataram as dificuldades e os entraves que um manual escolar traz para o trabalho pedagógico e para o ânimo das crianças. Durante anos trabalharam com uma pedagogia própria sem livros didáticos. No lugar deles, deram espaço para a produção escrita que a sociedade usava em seus mais variados setores: sociais, culturais, artísticos, legislativos, econômicos. Deram espaço para o texto livre para que as crianças exercitassem a livre expressão para que, de fato, se apropriassem da linguagem escrita, escrevendo o que precisavam e o queriam para seus correspondentes, seus pais, sua comunidades e seus amigos. Todas as pessoas do movimento da escola moderna consideravam, e ainda hoje consideram, um grande erro do ensino tradicional depositar toda a confiança pedagógica no trabalho sequencial que o material didático propõe, seja qual for ele.

No entanto, mesmo escrevendo pela segunda vez sobre o tema e depois de consolidada a proposta pedagógica, usada por muitos professores na França e fora dela, Freinet considerou como é difícil para o docente abrir mão do

livro didático, depois de séculos de uso sacralizado, e alertou:

“Se fôssemos teóricos, depois de termos operado aqui as demonstrações psicológicas e pedagógicas que julgamos frutíferas, diríamos a vocês: E agora, suprimam todos os manuais! Por sermos praticantes, dizemos ao contrário: Não exclua arbitrariamente uma técnica, uma ferramenta que você usou até agora com alguma eficiência, se você não tiver a ferramenta e a técnica de substituição. Instale essas novas ferramentas em sua aula, experimente a técnica correspondente. Quando você a dominar, os manuais se tornarão inúteis. Sua revolução será realizada”.

Assim como o pedagogo francês, não queremos empurrar quem não sabe nadar numa piscina profunda! Mas estamos com Freinet; não apoiamos o uso de livros didáticos! A seção *De professor para professor* vai apresentar alguns argumentos a favor do uso da literatura para crianças em substituição aos livros didáticos. A seção *Eu faço assim* vai mostrar como é a vida escolar de crianças que, livres das amarras das atividades sequenciais de apostilas, descobrem a escrita em projetos prazerosos!

Não nos deixemos cair na tentação de acreditar nas más línguas que pregam: “Sem o livro didático as crianças não aprenderão o conteúdo!” A palavra de ordem “Abaixo os manuais escolares!” de Freinet está mais viva do que nunca.

DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

LIVROS DIDÁTICOS OU LITERÁRIOS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL?

Por *Fernanda Duarte Araújo Silva*

Vivenciamos situações inusitadas nos últimos tempos, a exemplo da Educação Infantil, que conquistava seu espaço de aprendizagens e desenvolvimento humanos por meio de lutas e reivindicações realizadas, sobretudo, por movimentos sociais, fóruns municipais, estaduais e outros que garantiram sua inserção como primeira etapa da Educação Básica.

Não podemos negar que estávamos em um movimento de melhorias voltadas a essa etapa de ensino, apesar das contradições e dos conflitos, porém tais avanços não se consolidaram como esperado e tampouco foram suficientes para garantir educação de qualidade socialmente referenciada para bebês e crianças.

Dentre tantas problemáticas que estão em pauta e precisam ser discutidas, escolhi abordar, especificamente nesta seção, os livros didáticos e os de literatura infantil para crianças de até cinco anos de idade. O objetivo é compreender os limites que os livros didáticos possuem como recurso pedagógico para a formação das crianças da Educação Infantil.

Desde 2020, os livros didáticos têm sido adotados pelas instituições de Educação Infantil como orientadores para o trabalho dos professores e como materiais pedagógicos também destinados às crianças. Por outro lado, temos o antigo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), criado em 1997, que, a partir de 2003, passou a incorporar as ações referentes à Biblioteca do Professor e Biblioteca da Escola, contemplando também o segmento da Educação Infantil, que possibilitou a distribuição de acervos de obras literárias para todo o país. Diversas entidades do campo acadêmico se posicionaram de maneira contrária à utilização de livros didáticos no referido nível educacional. Mas, afinal, por que não desejamos tais obras? Elas não seriam uma forma de acesso à leitura e escrita para as crianças?

A inserção dos livros didáticos na Educação Infantil faz parte do conjunto de ações sustentado pela Política Nacional de Alfabetização (PNA),

lançada em 11 de abril de 2019, por meio do Decreto n. 9765.

Nesse documento, identifica-se a concepção de alfabetização, fundamentada nas ciências cognitivas, em especial na Ciência Cognitiva da Leitura, como único referencial para a prática de ensino da linguagem escrita. A alfabetização é definida como o ensino das habilidades de ler e de escrever a partir de um sistema alfabético, com foco nas atividades de decodificação/codificação. E assim, os livros didáticos para a Educação Infantil foram selecionados a partir de editais do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que contemplavam os princípios da PNA.

De toda forma, mesmo que esse material não estivesse alinhado a essa política desastrosa de alfabetização calcada na relação grafema-fonema, ainda assim defendo que livros didáticos não são necessários para a realização do trabalho pedagógico na Educação Infantil, uma vez que professores/as devem ter autonomia para construir suas propostas de trabalho, considerando as diversas linguagens das crianças. A entrada da criança no mundo da leitura pode ocorrer por meio da literatura, pois ela é uma das principais portas para a sonhada transformação social.

O acesso da criança ao livro literário, considerado objeto da cultura, contribui para o processo de humanização, tendo em vista que a “apreciação estética nas esferas das atividades literárias, mesmo que em sua etapa embrionária, desde a primeira infância, permitirá o desenvolvimento de qualidades humanas inerentes ao ato de ler, contribuindo para a constituição do futuro leitor” (GIROTTI; SOUZA, 2015, p. 279).

Como objeto cultural, o livro literário pode promover a formação integral dos indivíduos, uma vez que a linguagem da literatura é concebida como constitutiva da formação humana. Por meio do acesso à literatura desde a mais tenra idade, a criança se constitui e aprende a construir diferentes

formas de olhar e se posicionar no mundo. Desde a Educação Infantil, é necessário criar situações para que as crianças vivam experiências literárias por meio de atividades e de práticas sociais.

Entretanto, não devemos esperar que as crianças saibam ler para terem acesso às práticas de leitura, porque aprender a ler é aprender a questionar o escrito integral, o enunciado completo, a partir de uma necessidade sentida e em situações reais da vida.

Daí a importância de o professor, de forma intencional, organizar situações para que as crianças leiam histórias literárias. Com isso, elas poderão ter acesso à leitura e à escrita como atos culturalmente desenvolvidos pelos homens ao longo de sua história.

A defesa do livro literário desde a Educação Infantil, como uma forma de acesso à leitura e escrita, se justifica, porque ouvir a voz do outro, compreender o que ele diz e, a partir daí, estabelecer uma interação civilizada com ele, cria as condições necessárias à construção de uma nova sociedade mais justa e igualitária, considerando que todas as pessoas tenham acesso às riquezas materiais e simbólicas objetivadas de modo coletivo.

Contraponho-me ao uso de obras didáticas que não permitem a superação de um modelo capitalista e hegemônico que reproduz e age para a manutenção das classes sociais. Livros que foram construídos a partir de uma PNA - que enfatiza os aspectos cognitivos do processo de aprendizagem das crianças, em detrimento de outros como o afetivo, o das relações humanas, o de valores, o estético, o artístico, etc. - contribuem com o movimento de desqualificação de estudos e de pesquisas realizadas nos diversos espaços acadêmicos e científicos em nosso país.

As crianças precisam ter acesso a livros de literatura que possibilitem sua emancipação, que lhes forneçam os meios para atuar no contexto social com suas contradições e formas de exploração para a sua superação.

Concordo com Abrantes (2020) ao defender que a literatura deve ser trabalhada nos espaços educativos como conteúdo de práticas de resistência ao processo de dominação e assujeitamento do ser humano, pois quando se inserem na organização

social capitalista possibilitam às crianças se defrontarem com a diversidade de problemas humanos e buscarem formas de solucionar conflitos evidenciados pelo conteúdo das obras de literatura infantil.

Sendo assim, devemos organizar encontros com as crianças nos quais elas serão provocadas a se apropriarem desse objeto cultural e dos atos necessários à sua apropriação e, por esse meio, apreciarem a qualidade textual e gráfica dos livros de literatura que contemplem aspectos éticos, estéticos e literários na estruturação de narrativas.

Definitivamente, os livros didáticos com exercícios de treino de sons, letras e sílabas não são caminhos para o desenvolvimento da apreciação estética, de forma que as crianças possam compreender o enunciado escrito, e ampliar seu repertório linguístico e cultural e, em especial, alimentar a base necessária para a emancipação humana e, conseqüentemente, a transformação de uma sociedade discriminatória e excludente.

Não queremos livros didáticos para a Educação Infantil. Tampouco queremos falsas obras literárias, as didatizantes e as moralizantes. Queremos obras de arte para humanizar as crianças que chegam ao mundo, para que possam compreendê-lo, para que se apropriem do legado cultural que estão recebendo, para que compreendam as relações humanas, já postas, para transformá-las!

Referências

ABRANTES, A. A. Educação Escolar e Desenvolvimento Humano: A literatura no contexto da educação infantil. In: GALVÃO, Ana Carolina. (Org.). *Infância e Pedagogia Histórico-Crítica*. 2ed. Campinas - SP: Autores Associados, 2020, p. 145-195.

GIROTTI, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de e DAVIS, C. Lynn. Metodologias de ensino – Educação literária e o ensino da leitura: a abordagem das estratégias de leitura na formação de professores e crianças. In: DAVID, Célia Maria [et al.] (Org.). *Desafios contemporâneos da educação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.p.277-308.

EU FAÇO ASSIM

ESCRITA: INSTRUMENTO PARA A CONSTRUÇÃO E EXECUÇÃO DE PROJETOS

Por Ana Laura Ribeiro da Silva

Trabalhar com projetos na Educação Infantil é uma das possibilidades mais encantadoras de o professor acompanhar as descobertas e o fascínio das crianças. Por isso, a proposição de um projeto a uma turma não pode ser arbitrária e desconectada dos interesses das crianças.

A experiência que relato está sendo feita em uma turma de Educação Infantil com crianças entre 5 e 6 anos. É necessário enfatizar que, para algumas crianças dessa turma, com a Pandemia de COVID-19 e o isolamento social que as afastou da escola, trata-se da primeira experiência no espaço escolar. Outras, já familiarizadas com a escola, trazem o desejo de descobrir, experimentar e vivenciar novas possibilidades.

Neste misto de situações, percebi o desejo de algumas crianças de falar dos girassóis plantados pelo grupo no ano anterior, quando frequentavam a escola em grupos menores e em sistema de rodízio. Em todas as rodas de conversa, o tema surgia: fosse uma observação, uma lembrança, uma dúvida trazida por uma criança e mesmo nas brincadeiras de faz-de-conta quando era comum ouvir “cuidado com meu vaso!” Esse desejo somou-se ao meu, como docente, de construirmos uma horta.

Nas rodas de conversas, comecei a provocar a lembrança de experiências e conhecimentos das crianças. Propus que poderíamos estudar as plantas e as formas de plantar. Elas toparam na mesma hora. Houve um alvoroço de palmas e “ês” empolgados.

A partir dessa decisão, pelo registro como prática cotidiana, começamos a estruturar o projeto. Trago a escrita como recurso de registro dos diferentes momentos vividos.

Nossa primeira ação foi levantar as dúvidas. Faço um registro escrito sobre “O que queremos saber sobre as plantas” com as perguntas feitas pelas crianças. Vale ressaltar que esse registro escrito não tem a intenção de ensiná-las a escrever ou ler, nem ao menos de correção do uso da linguagem oralizada.

O objetivo é registrar para recorrer aos dados posteriormente e, com isso, usar a escrita em uma de suas funções, de registro e de recuperação. Algumas perguntas entre as muitas que surgiram foram: Dá pra plantar todas as sementes? Se plantar um doce, nasce uma árvore de doce? Se plantar uma flor, cresce? Dá pra plantar chocolate? Como se planta uma árvore? Como se planta um cacto?

As respostas e as discussões se estenderam pela semana, sempre marcadas por falas como “escreve lá pra não esquecer” - marca essencial de compreensão dessa função da escrita que eu queria enfatizar.

A partir desse registro as crianças, realizaram seus próprios registros. Misturavam o desenho e a escrita. No papel de professora, eu registrava e comentava o que escrevia e como escrevia. A relação entre escrita dos textos e desenhos é constante nas crianças, devido a um trabalho desenvolvido regularmente com várias formas de registro em diferentes situações da prática cotidiana.

A ação seguinte foi coletar sementes. Onde coletar? Nos alimentos. Envolvermos o pessoal da cozinha e apuramos nossa observação sobre os alimentos consumidos na escola e em casa. A cozinha passou a ser procurada para localizar sementes nos alimentos em preparação. As sementes dos alimentos consumidos na merenda (maçã, laranja, melancia, feijão, abóbora) passaram a ser colocadas para secar e separadas com organizadores identificados pela escrita do nome de cada uma delas.



Fonte: Arquivo da autora.

No momento do plantio, as próprias crianças já identificavam a necessidade do registro e alguma delas sempre se prontificava: “eu faço a plaquinha” e, a partir de outros registros, fazia a escrita convencional do que havia sido plantado.



Fonte: Arquivo da autora.

Esse processo de compreensão da escrita como registro faz parte da alfabetização como processo de humanização, porque a criança vai se apropriando da escrita em gêneros: um projeto; orientação para cumprir o registrado no projeto; a identificação de sementes em um organizador; a etiquetagem das sementes plantadas para futuras decisões. Em todas essas situações, a escrita registrada e a que funciona como etiquetas passam a ser lidas para orientar e organizar os atos humanos das crianças com as plantas. Aprendem a escrita, os atos humanos praticados com ela e a cultura de sua região e de seu país. Humanizam-se.

Esse processo de observação dos alimentos e suas sementes estendeu-se para as suas casas, onde coletaram, registraram, trouxeram para a sala e explicaram aos colegas o que e onde cada um havia encontrado, e como havia registrado o que encontrara.

No desenvolvimento do projeto, lemos para aprender como plantar. Ganhamos, de uma professora parceira, sementes de alface e salsa. Passamos a buscar informações sobre como poderíamos plantá-las. Algumas informações sobre a forma de plantio e as possibilidades de criar/organizar os espaços para a horta foram retiradas de sites da internet, impressas, e levadas para a roda de conversa.

A atuação das crianças a partir dessas leituras envolveu ações mais efetivas que necessitaram da memória escrita para recordar do que precisávamos e para organizar nossas ações.

Várias crianças tomaram a iniciativa de trazer garrafas pets para confeccionarmos o suporte da horta suspensa que havíamos visto nas buscas realizadas anteriormente. Nesse processo, percebemos como a leitura realizada pela professora pode ser fonte de informação e conhecimento para a criança dentro de uma atividade que elas realizam.

O projeto avança com as observações do plantio realizado e com as experiências que podemos ir fazendo para responder às dúvidas registradas.

Nesse momento, o projeto encontra-se em fase de “paciência”, como denominam as crianças (referindo-se ao tempo de espera entre a germinação das sementes e o crescimento das plantas).

Nesse processo, o cuidado diário necessário para a manutenção do plantio já realizado e a observação sobre as transformações, por menores que sejam, ensinam outros fazeres e formas de comunicarem o que veem, sentem ou querem.

Nesse modo de viver a educação infantil, a escrita vai sendo compreendida como instrumento para lembrar e para se informar. A vivência das crianças nessas situações de registro e leitura possibilita que elas se apropriem dos atos humanos de escrever e dos atos humanos de ler, que propiciam a realização de inferências sobre outros escritos e a apropriação da cultura escrita de forma “natural”, como defendiam Vygotsky (1995) e Freinet (1977).

Referências

FREINET, Célestin. *O método natural III: aprendizagem da escrita*. Lisboa: Estampa, 1977. 3 v.

VYGOTSKI, L. S. La prehistoria del desarrollo del lenguaje escrito. In.: _____. *Obras Escogidas III: Problemas del desarrollo de la psique*. Madrid: Visor Distribuciones, S. A., 1995.

MURAL

UM MODELO HUMANIZADOR QUE DÁ CERTO. VAMOS TENTAR?

Assistam ao vídeo e reflitam com os docentes parceiros da sua escola o Modelo Pedagógico do MEM (Movimento da Escola Moderna – Portugal) apresentado em “Circuitos de Comunicação para difusão e partilha de produtos culturais”, com as explicações do professor Sérgio Niza e com as de alunos sobre as atividades que praticam. Disponível em: <https://youtu.be/UCtvXenxLCc>

COMPARTILHANDO IDEIAS

Se você gosta de histórias e pretende ampliar o seu repertório e o das crianças, acesse o Canal do “Quintal da Cultura” disponível no link <https://www.youtube.com/c/quintaldacultura/about> e consulte uma diversidade de histórias e enredos. Você também irá se divertir com Ludovico, Dorotéia e seus amigos!

DIÁLOGO COM LEITORES

Estes são os comentários de Greice Ferreira da Silva a respeito do livro infantil A grande fábrica de palavras, de Agnés de Lestrade e de Valéria Docampo.

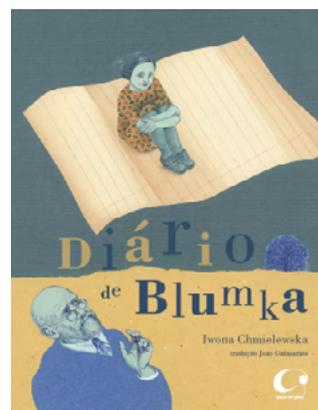
“Dago, desde que li esse livro pensei em presentear-lo, porque fiz muitas relações com o que você nos ensina acerca da alfabetização, das contribuições dos filósofos russos da linguagem e de questões que fazem parte da vida. De alguma forma, o livro me parece trazer (para além da poesia no texto e na ilustração) ideias veladas sobre a luta de classes, o poder que a palavra confere àqueles que a possuem, a palavra carregada de sentidos, o contexto situacional e muitas outras questões. Fico feliz que tenha gostado”.

Eu o li e gostei muito. A Greice estava cheia de razão. Dagoberto Buim Arena – Unesp – Campus de Marília.

LITERATURA NA RODA

A editora Pulo do Gato lançou uma obra de literatura que leva os pequenos e os grandes dos

tempos atuais para a realidade vivida por outras crianças, de outro século, que moraram no orfanato do doutor Korczak, que viveram a violência da guerra, a fome, que sentiram o desrespeito à humanidade, mas que foram amparadas pela pedagogia do amor, da compreensão, da solidariedade e do respeito criada pelo “Bom Doutor”. Vale muito a pena descentralizar os olhares e reconhecer que a literatura é capaz de fazer a gente ser Gente, com G maiúsculo.



CARACTERES MAGNÉTICOS

Que tal confeccionar caracteres imantados para produzir enunciados vivos, saídos diretamente da roda de conversa do dia? Em um pequeno mural de metal, os caracteres, imantados na parte de trás, ficarão seguros no mural, enquanto a criança vai colocando, com a ajuda da professora e de seus colegas, caractere por caractere na ordem que o registro exige. Cada dia uma criança poderá ficar responsável pelo registro de um enunciado curto, um verso, um provérbio, um slogan, um lembrete ou até a ordem de trabalho estabelecida para aquele dia, entre tantas outras possibilidades. É fácil! Todos conseguem construir! Eles podem ser feitos com EVA e ímãs.

